

A PONTE DE LONDRES.

Sobre o Tamisa está lançada uma excellente e sólida ponte, que é um dos importantes meios de comunicação entre os diferentes membros, que compõem o gigante chamado = Londres. Não era o nosso vistoso e insofrido Tejo consentidor de igual violência, se os nossos maiores tivessem nas duas margens simultaneamente fundado a magestosa capital lusitana: o espraído do leito, a rapidez da corrente, as vagas do altivo oceano que vem beijar os pés da nossa cidade se opporiam constantes ás tentativas da industria humana: mas a immensa povoação, que occupa a margem do norte, longe de querer vencer a indomavel furia das aguas, calcando-as sobre arcos de cantaria, sujeita-as mediante a applicação d'uma arte ha muito sabida, a navegação, que aproveitando ora os sopros regulares dos ventos, ora os compassados impulsos dos remeiros, nos transporta em brevissimo tempo á ribeira opposta, quer para as necessarias agencias do commercio, quer para o folguedo de um passeio recreativo. Mais facil, mais veloz achámos o transito depois que a benemerita companhia da navegação a vapôr no Tejo e Sado pôz em execução no patrio rio o invento engenhoso desses barcos, que, impellidos pela mais poderosa força motriz, sobrepujam na celeridade pelo espaço a quantos meios de transporte o artificio humano anteriormente excogitára. Digna é por certo de louvor e favor tão proveitosa empreza. Ainda que os barcos movidos a vapôr não fossem senão uma moda das nações civilisadas, e se lhes não reconhecesse a real e summa utilidade, que ninguem contesta, vergonhoso seria que o Tejo, por suas antigas frotas dominador dos mares, ignorasse este aperfeiçoamento.

Se o Tamisa se deixou vencer, foi por não ser tão caudal que podesse resistir: e tambem os habi-

tantes da opulenta Londres não gozam a vantagem, que nos offerece o Tejo, de ver-mos fundear defronte de nossas janellas, e a curtas distancias, os alterosos navios carregados de mercadorias de toda a parte do mundo, e as soberbas náus de guerra de todas as nações, que por vezes neste seguro porto vem demandar abrigo contra as tempestades, ou tomar sadios e abundantes alimentos.

Da ponte de Londres diremos pouco; porque as particularidades da sua construcção, amofinando a maioria dos leitores, só offereceria interesse aos engenheiros, que sabem o seu officio e tem obras magistraes, que lhes servem de guias e conselheiros. A primitiva ponte foi de madeira; facil é vêr quão prestes se arruinaria. Succedeu-lhe uma de pedra, muito superior á antiga, mas com graves defeitos de local e estructura. O tempo, estragador do homem e das suas obras, a chegou a estado mui perigoso para os passageiros: e a final no seculo presente trataram de a reedificar com elegancia e solidez, conforme os actuaes conhecimentos scientificos, que na Graã-Bretanha tem subido a mui elevado gráu de perfeição. Compraram-se as casas, que foi preciso demolir, dispenderam-se grandes quantias de dinheiro; mas sob a direcção do architecto escolhido, e a inspecção d'uma commissão de cidadãos principaes, a obra progrediu e concluiu-se em tempo breve. Teve logar a abertura no 1.º d'Agosto de 1831, dia memoravel nos modernos fastos britannicos pela victoria do Nilo alcançada pelo almirante Nelson (*). O rei, sua consorte e familia assistiram a este acto publico, que foi celebrado esplendidamente: n'um barracão, forrado de sedas e ornado de trophéus militares se re-

(*) Vid. a noticia sobre a pessoa de Nelson a pag. 257 do 4.º vol.

colheu Guilherme 4.^o, sua esposa e côrte, e [para que não passemos em silencio esta cerimonia britannica] alli lhe apresentaram uma taça de ouro com generoso vinho, que o monarcha bebeu fazendo a saude «ao commercio da cidade de Londres»: *toast* correspondido pela regia companhia. A nova ponte da capital ficou aberta, segundo a phrase technica, com todas as clausulas do estilo.

QUADRO DOS COSTUMES DOS AMERICANOS DO NORTE.

2.^o

A *RASÃO*, o bom juizo pratico, que apontámos, a audacia nas empresas, geraram a industria americana, cujos prodigios assombram. Vêde esses canaes, emulos dos rios, cujo destino é reunir para o futuro o mar Pacifico ao Oceano; esses caminhos de ferro que vem descendo pelas ladeiras das montanhas, por onde o vapor despede a sua força motôra, mais poderoso e rapido que sobre a lisa superficie das aguas; essas manufacturas que surgem por toda a parte; essas feitorias e escriptorios que enriquecem com o commercio de todas as nações; esses portos cubertos de infinidade de navios: em vez de bosques incultos fertes campinas; em lugar de desertos cidades magnificas, aldeias aprasiveis, que tudo parece ter sahido do chão por astucia magica, como se a America, tanto tempo barbara e selvagem, estivesse grávida d'um futuro civilisado, e do seu fecundo seio devessem brotar scáras sem previa cultura, cidades sem trabalho de homens, como gerára densas e vastas florestas.

Testemunha desta prosperidade todos a admiram; mas é toda material; e para assim dizer faltava-nos um mundo moral. — Porque não tem os americanos *coração assim como tem cabeça?* — Para que tanta intelligencia sem genio, tanta riqueza sem esplendor, tanta força sem grandeza, tantas maravilhas sem poesia? . . .

Averiguemos isto. — Se voltámos os olhos para o passado, tres grandes epochas apparecem na historia dos povos. — A primeira é a antiguidade; a idade brilhante de grandes e tumultuosas paixões, em que na Grecia tinha florecido a par do virtuoso Socrates o voluptuoso Alcibiades; e Roma produziu depois, para admiração do mundo, um homem incomprehensivel, Julio Cesar: foi o reinado sensual. — A segunda epocha é o christianismo; desde St.^o Agostinho e Santo Athanasio, prolongou-se pelos tempos de S. Luiz e do valente Du Guesclin até Pascal e Bossuet; foi o reinado moral, o da alma. — A terceira começa no seculo passado, epocha util, reinado exclusivo da intelligencia. — Na primeira idade dominam os prazeres; na segunda, os sentimentos; na terceira, os interesses. Ainda nesta ultima nos achámos, mas já enceta a quarta a carreira, porventura a mais duradoura, a que hade combinar o espiritualismo com as necessidades reaes da vida.

A sociedade pagaã deveu a sua jucundidade ao esplendor dos seus amphitheatros, aos inspirados cantos dos seus poetas, ás obras primas dos seus artistas, ás suas festas triumphaes, ao luxo de funcões, de numes, de escravos. — O mundo christão, grave e solemne como os edificios religiosos da idade media, concentrou-se na meditação, no recolhimento, e nos sacrificios e austeridades da vida. — Hoje a sociedade não tem circos, nem tão pouco claustros, nem gladiadores, nem anachoretas; tem fabricas industriaes. Indifferente, por assim dizer, ao attractivo das sensações e do enthusiasmo, não aspira senão ao bem-estar material. — As divindades pagaãs offe-

reciam vantagens á sensualidade, com imagens seductoras, com prazeres sem remorsos. Mas veio Christo, que disse aos homens: — «As grandezas terrenas são miseraveis, porque o pobre perante o throno divino é igual ao rico. Todas as paixões são estereis, porque só a caridade fecunda as almas. A felicidade não consiste na opulencia, na gloria, nos prazeres; só pela virtude se merece, e só no céu se desfructa.» — Porem em nossos dias as theorias, que regem a sociedade, parece que ligam o homem cada vez mais á posse e fruição dos bens terrenos.

A utilidade material: — tal é o alvo a que se dirigem os esforços da moderna sociedade. Porem esta tendencia, na Europa, luta com recordações, habitos e costumes: ainda o presente recebe a influencia do passado. Não somos perfeitamente religiosos, mas temos magnificos templos. Na America do Norte realisa-se o pensamento, que encerram as palavras—*Novo-Mundo*; e continuarão na mesma vereda até que os acontecimentos, que não póde calcular a previdencia humana, a ponham no caminho da Europa velha.

Como é possível procurar n'um paiz, onde a universal igualdade das condigões dá uma côr monotona á vida social, rasgos de poesia e de engenhosa litteratura: as obras dos seus escriptores tem essencialmente um colorido inglez, porque segundo as obras britannicas modelam geralmente os americanos os seus escriptos. No meio dos aspectos, que a natureza apresenta em seu clima, tão diversos dos que vemos em o nosso continente, ainda se não resolveram a largar a classica imitação de povos, que habitam tão encontradas regiões. Europeus tem ido colher novas imagens aos sertões, aos campos americanos; testemunhas, Chateaubriand, Humboldt e outros; mas os espectadores daquellas scenas, com a rara excepção de Cooper, não tem querido representa-las. Irving, de abalisado engenho, mais escreve para a Europa que para os seus compatricios.

Dar-se-ha caso que o mundo moral seja submettido ás mesmas leis que a natureza physica? — Nos estados da União ninguem sabe muitas cousas, mas ninguem é absolutamente ignorante. Ora, será preciso para apparecerem os talentos luminosos que lhes sirva de sombra a ignorancia da multidão? Acaso não brilharão as individualidades sociaes acima do vulgo senão á maneira das elevadas montanhas, cujas assomadas, resplendentes com a neve e a luz, campeam sobre tenebrosos precipicios?

Na America do Norte faltam aos caracteres, para serem brilhantes, theatro e espectadores. Se os paizes aristocraticos são fecundos em personagens, por assim dizer, poeticas, é porque a classe superior fornece os actores e o theatro; o drama representa-se perante o povo, que compoem a platea e só de distancia vê a scena. Existe na verdade na America uma entidade, que tem seus visos de pareença com a aristocracia feudal. — Uma fabrica e seu dono representam o senhor donatario em sua residencia, os operarios são os vassallos; mas que effeito produzirá na alma d'um poeta este *feudalismo industrial*? Como poderá elle extrahir harmonias do meio de escriptorios, alambiques, machinas de vapor, e lettras de cambio?

Este povo americano parece, desde o seu nascimento, condemnado a não ter poesia. Na sombra que envolve o berço das nações, ha um espaço fabuloso, que dá campo aos vôos da imaginação: na remota antiguidade achámos a guerra de Troia. Na idade media tambem encontrámos tempos heroicos, quaes os das cruzadas com seu fervoroso enthusiasmo. Mas a União americana é talvez a nação unica que não teve infancia maravilhosa; rodeada, ao nascer, pe-

las luzes da idade madura, precedida de ha muito pela invenção da typographia, começou logo a escrever a historia dos seus primeiros dias. A vida publica e industrial se apossou de toda a sua energia moral. Os americanos tem interesses politicos de sobejo, de fórma que não podem exclusivamente tratar d'interesses litterarios: a sua vida publica não existe nos salões e operas, mas nos clubs e na tribuna das camaras. Apoz esta segue-se a vida commercial: todos alli são industriosos por necessidade, porque n'uma sociedade d'igualdade perfeita o trabalho é condição commum; todos trabalham para viver, ninguém vive só para pensar. Não queremos dizer que falem absolutamente os auctores, mas a estes falta um publico, que lhes dê voga: achar-se-iam escriptores que fizessem livros, porque o escrever é trabalho; faltam porem os leitores, porque o lêr depende de vagar. Alem de que sendo toda a gente industriosa, a principal profissão é a que rende mais dinheiro; ora a occupação de auctor de livros é alli a menos lucrativa, segue-se que serão raros os que a queiram abraçar.

Pelo que toca ás bellas-artes empregam-se não em construcções de fausto, mas de necessidade. Se a multidão reina nos Estados-Unidos em tudo e sempre, ciosa das superioridades individuaes que apparecem e prompta a desfazê-las, que deve admirar que lá se não vejam monumentos levantados á memoria dos homens illustres? Este povo tem seus heroes; mas só Washington (*) tem bustos, inscripções, e uma columna erecta em honra sua... porem Washington é contemplado pelos seus patricios, não como simples homem, mas como uma especie de semi-numero. — Estimam as sciencias pelas suas applicações; estudam com affinco as artes immediatamente uteis, porem não fazem grande caso das bellas-artes. A Alemanha, a França, a Inglaterra, inventam theorias: os Estados-Unidos as põem em pratica.

Até a casta de litteratura corrente no paiz é uma especulação mercantil. Não ha lá eschola classica, nem romantica; não se conhece senão eschola commercial, que neste ramo é a dos redactores de gazetas, folhetos e annuncios, e que vendem idéas, como qualquer outro vende generos. Ainda que destes escriptores, um é partidista do presidente F., outro do candidato F., este é unitario, aquelle presbyteriano, o primeiro democrata, o segundo federalista &c. &c., todos reciprocamente são amigos; e vivem em tão boa união que parece que entre si repartiaram os differentes papeis, escolhendo cada um o que mais lhe agradou: e todos vão assim vendendo sua mercadoria e fazendo negocio.

Postoque na America haja poucos auctores originaes, poucos paizes haverá onde comparativamente se imprima tanto: e os livreiros americanos costumam fazer aos livros inglezes o mesmo que fazem os belgas aos francezes. Cada provincia tem o seu jornal: verdade seja que nestes periodicos se cifra a maior parte da sua litteratura; porque para gente occupada, e que não quer gastar muito, é necessaria uma leitura que tome pouco tempo e que custe barato. Alem disto ha um enorme consummo de livros religiosos e dos destinados á educação primaria, que é toda puramente util, como tendo por objecto formar homens proprios para as agencias da vida social.

Todavia não julgueis que os americanos são destituídos d'amor proprio litterario; e a este respeito da-se um phenomeno mui notavel; não vereis nos auctores desta nação, como em muitos de outras, vaidades monstruosas, companheiras da mediocridade e tambem, por desgraça, algumas vezes do ta-

lento. Os escriptores reconhecem a sua inferioridade: e o orgulho litterario, que elles bem ou mal poderiam ter, tem-no os seus compatriotas. Ninguém pense lisongear um americano dizendo-lhe que a conformidade de linguagem faz communs á sua patria os talentos d'Inglaterra: responder-vos-ha que a litteratura britannica não é parte da litteratura americana. E não obstante isso, Cooper, o seu mais fecundo e engenhoso escriptor, o Walter Scott da America, não é tão estimado e lido no seu paiz natal, como o é na Europa, onde em todas as linguas se traduzem os seus romances. Sirva-nos, agora, a occasião de mencionar este nome, para declarar-mos que o povo de que temos tratado, apesar de pouco dado á litteratura, e tão pouco dado, que até conta poucos theatros e esses pouco frequentados, não é absolutamente privado de homens de talento. São raros na rasão da população e do progresso social; mas acharemos Washington Irving, bem conhecido em o nosso continente e que em suas obras reune graça no estylo, delicadeza nas imagens e pensamentos, e por vezes espirito de reflexivo exame, Livingston estadista e philosopho profundo, Robert Walsh, Jared Sparks, e mais alguns cujos livros são entre nós menos vulgares. Na classe oratoria, notaremos os discursos parlamentares de Webster, de Clay, de Everett, e os excellentes sermões de Channing.

MENDACIDADE.

ENTRE os vicios cujos damnos e offensas o homem não está sujeito a expiar n'uma prisão, ou por outro qualquer meio judicial, nenhum ha tão pernicioso á sociedade e ao mesmo homem como o mentir. — Vê-se infelizmente que para elle tem grande queda a maior parte das pessoas, e com particularidade as que não receberam, com uma educação moral e religiosa, preceitos e dictames que lhes inspirassem horror a tudo o que se afasta da verdade, ou tende a diminuir-lhe um só gráu de esplendor e pureza.

A intolerancia, e ás vezes o louvor que se tece a esta qualidade de vicios são, a nosso ver, a causa primaria da desmoralisação da mocidade, e das calamidades que com o andar dos tempos lhe amarguram, e aos seus parentes e amigos, os mais formosos dias da existencia.

Não diremos que a mentira obtem os encomios de toda a gente. Pelo contrario, ao passo que vemos tolerados outros defeitos, observámos que o de mentir é quasi geralmente detestado. A verdade, segundo a define o conde da Ericeira, é uma disposição de animo para affirmar o que é, e negar o que não é, sem mudar nas palavras os pensamentos; e por isso todos concordam em que não a seguir é uma vileza e cobardia, e que contribue mais do que se pensa para a dissolução dos laços sociaes, e descredito das pessoas, que achando-se tocadas do mal, campeam, todavia, de honestas e de decentes.

A maior offensa que pode fazer-se a qualquer individuo n'uma sociedade polida é declara-lo mentiroso, pois que o accusar alguém de haver deliberadamente alterado a verdade equivale a julga-lo tão louco que dirá uma falsidade com o fim de lisongear a vaidade; tão vil que mentirá na esperança de afagar a malicia; e tão fraco que occultará a verdade pelo desejo de fugir ao perigo.

E, realmente, o homem, que não faz cabedal de tão injuriosas imputações, merece, não uma, mas mil vezes, que se lhe applicuem todos estes affrontosos epithetos e doestos. Mentir não é só um vicio

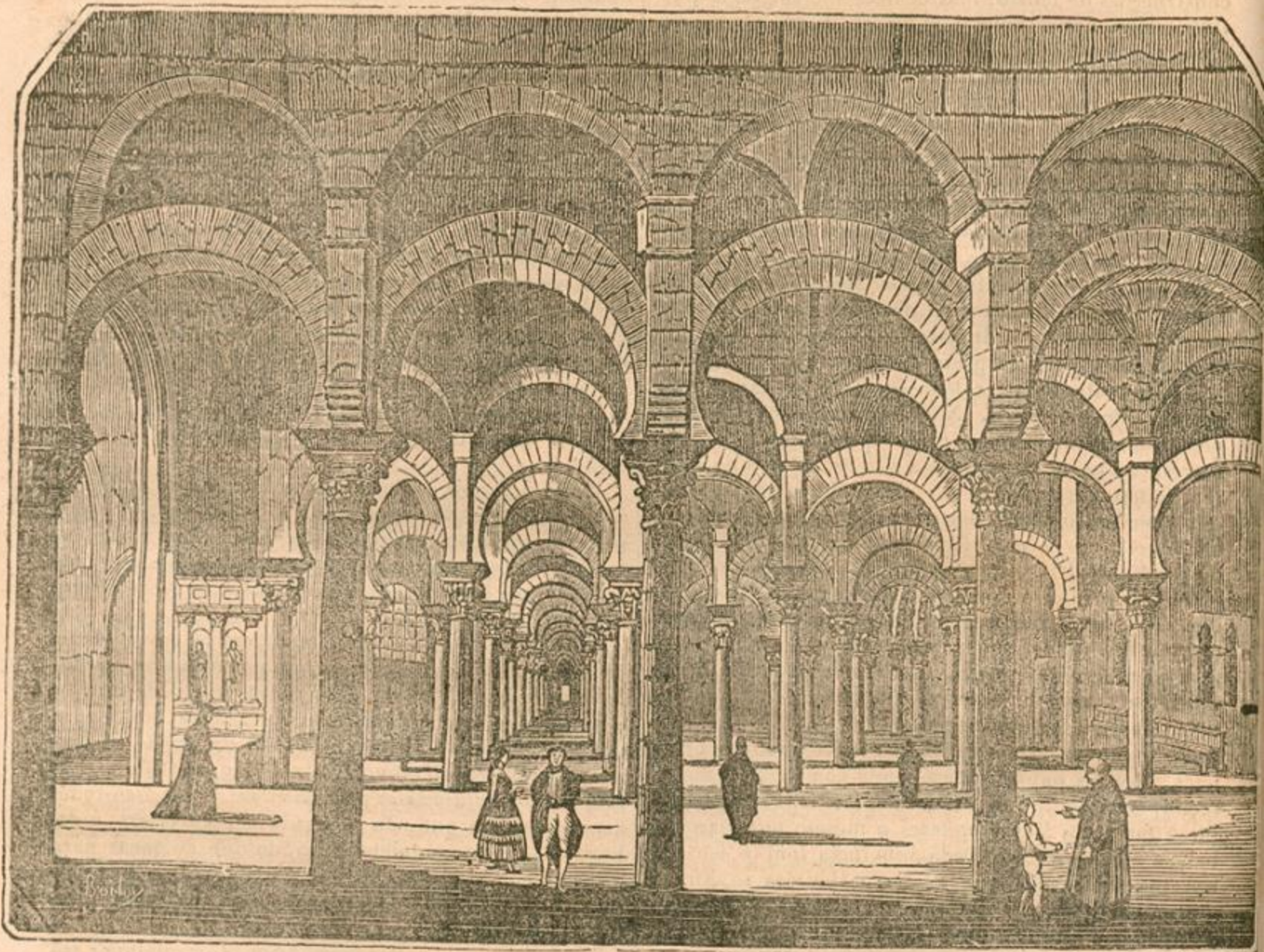
(*) Vid. o retrato e biographia a pag. 223 do 3.º vol.

detestavel — é tambem um vicio que deslustra. A causa que obrigou o homem a occultar a verdade é cedo ou tarde descoberta; e bem longe de ganhar elle com o crime as vantagens em que punha a mira, expõe-se pelo contrario ao perigo, á desgraça, e á miseria. Fica sendo detestado pelos homens de bem, calcado pelos inimigos, e desprezado por individuos que lhes estão mui inferiores na escala social. E o que diremos do vexame que soffre o homem, ainda mais afeito á mentira, quando é publicamente desmentido; e dos remorsos que deve sentir o falsario ao meditar nos males que tem causado, e na triste condição do seu estado moral? Diz-nos um distincto e engenhoso escriptor, no tractado da *mentira em todos os seus ramos* que a apparencia enganosa é uma mentira pratica; que a mulher velha, que usa côr e dentes artificiaes, e o homem pobre que traja como se fôra rico, devem reputar-se tão mentirosos, como os que verbalmente affirmam o que tem por falso. Assentimos cordealmente a esta opinião, como uma verdade abstracta, sem todavia desconhecer que em vão se tentará proscrever ou acabar com a prati-

ca destas, e de outras quasi semelhantes mentiras, que, justo é dize-lo, não são das mais perigosas e nocivas á sociedade.

O ponto de que actualmente tratâmos limita-se a fixar o sentido do verbo *mentir*, mostrando ao mesmo tempo os inconvenientes que resultam de dizer falsidades. — Não temos, portanto, sufficientes expressões para recommendar a todos que procurem sempre fallar verdade, evitando até a possibilidade de que se suspeite que praticâmos o contrario.

Evite-se quanto ser possa a exaggeração; na certeza de que posto se não atrevam a nos desmentir na nossa presença as pessoas ante as quaes faltâmos á verdade, nem por isso deixam ellas de fazer de nós uma idéa pouco lisongeira, tendo-nos em conta de embusteiros e charlatães. A similhante respeito ha uma excellente maxima do sagaz Lord Chesterfield: — dizia elle «que se visse uma cousa que pela sua raridade podesse aos outros parecer incrível, antes a guardaria só para si, sem a ninguem a revelar do que se exporia a que da sua veracidade se duvidasse um só minuto.



VISTA INTERIOR DA CATHEDRAL DE CORDOVA.

A PAG. 34 do volume 2.^o démos noticia e uma vista de Cordova, e dissemos alguma cousa ácerca do seu mais notavel edificio, a cathedral. Agora que apresentâmos a estampa do interior da mesma sé, para ampliar o artigo citado recorreremos aos extractos d'uma carta, dirigida a Miss Bowle pelo Sr. Marquez de Custines, nome conhecido na moderna litteratura. — «Tenho visto muitos monumentos [diz o

escriptor]: nenhum me pareceu tão singular como este!» No meio do labyrintho escuro de columnas, como arvores de granito, levantam-se moles d'architectura, distribuidas com pouca regularidade e que semelham diversas construcções disseminadas por uma tapada: e são o zimbório, o choro, as capellas lateraes da igreja. Na presença desta fabrica de especie particular a historia absorve os pensamentos e esque-

cem as recordações da arte: o praser que alli experimenta o homem reflexivo procede mais da razão que da imaginação; o que se vê é o resultado da confusão dos seculos, de religiões differentes e de varios povos, de que talvez não haja exemplo no mundo. O catholicismo apossou-se de uma mesquita, construida no local e pode ser que com os fragmentos de um templo pagão; converteu-a, baptisando-a, na morada do verdadeiro Deus, sem lhe alterar essencialmente as fórmulas primitivas. O problema da variação dos tempos e gerações apresenta-se resolvido a quem contempla a cathedral de Cordova.

A mesquita que o mouro, Abderraman, fundára no oitavo seculo, dizem ser duas vezes maior que a sé actual; mas não ha cousa que justifique esta exaggeração dos admiradores exclusivos do povo arabe. Representai na imaginação uma esplanada, ornada de 960 columnas antigas, pouco altas, todas de marmores diversos e raros, que sustentam uma duplicada fieira de arcos mouriscos, com um forro do tecto de madeira preciosa em cada uma destas ruas de pedra: tal é ao primeiro aspecto este edificio notavel. No meio do labyrintho sagrado ergue-se o zimbório, que não está em harmonia com o todo, por ser de fabrica moderna, mas as voltas sobre que repousa são do primitivo gosto da obra, e enfeitadas de esculpturas delicadas, de mosaicos elegantes. Custines diz que só para ver estes primores vale a pena emprender a viagem de Paris a Cordova. Em tempo de Carlos 5.^o, que tantos vestigios do seu poder deixou em Hespanha, se construíram o zimbório, e o altar-mór. Sobre as cadeiras dos conegos, no choro, lê-se, mas em lavor de madeira, um curso de historia sagrada: Pedro Duque Corneja fez em dez annos este trabalho admiravel: o tumulo do artista está collocado a pouca distancia do choro, e em epitaphio conveniente se commemora o seu talento.

VIAGEM A LONDRES.

A MAIOR parte dos nossos contemporaneos conhece, ou tem ouvido fallar na soberba cidade de Londres; porem é a Londres do anno de 1840. A Londres de 1640 não é tão geralmente conhecida; a Inglaterra então era republica, ou dizendo-se tal; seu governo não será tão facil defini-lo e sobre tudo explica-lo: mas deixemos isto que nos levaria longe: a carta, que hoje damos traduzida, foi escripta por um cavalheiro francez que viajou em Inglaterra nesses desastrosos tempos da republica ingleza, e descreveu a um amigo seu de França o que viu, e observou em Inglaterra: os inglezes de hoje são tão differentes dos — cabeças redondas — daquella epocha que é curioso observar a differença dos tempos, e sobre tudo dos governos: em fim é um francez que falla, e ha sempre nas suas expressões o cunho da antiga antipathia dos dois paizes. Mr. Evelyn auctor da Flora [discurso sobre as plantas e arvores] deixou, entre outras obras manuscriptas interessantes, a traducção por elle feita de uma carta escripta de Londres por um cavalheiro francez a um seu amigo respeitavel de Paris, que lhe communicava as suas observações sobre os costumes inglezes; estes manuscriptos pois de Evelyn, entre os quaes se achava a carta mencionada, foram impressos no anno de 1651, e eis o que diz Evelyn áquelle proposito: — A carta de que faço a traducção foi-me confiada por um amigo meu, digno de toda a confiança, para que a visse e examinasse: confesso que fiquei muito irritado contra um estrangeiro que consignava taes observações sobre a minha patria e sobre os meus concidadãos, e

não tive a mais pequena idéa de as communicar a alguem, e muito menos ao publico; porem reflectindo mais maduramente resolvi publica-la, porque esta crítica aos nossos costumes feita por um estrangeiro póde servir de utilidade, e sobre tudo de correcção: as observações por elle feitas são em geral exactas, suposto que um pouco exaggeradas; porem vê-se que via bem o que se passava entre nós; portanto o melhor partido que temos a tomar em tal caso é o de nos corrigir o melhor que podermos, e não nos despiciarmos senão quando estivermos bem emendados daquillo que nos imputam. Posto isto, vejamos como o viajante francez se explica: é elle que falla: — « Nós sahimos de Calais com um vento favoravel e aportámos a Douvres em breves horas; desembarcados puzemo-nos a passear pela cidade, mas por toda a parte nos fizeram um tão máu acolhimento, que, se não fosse vergonha o tornar para França tão depressa, eu voltava immediatamente: toda a gente que encontrava-mos olhava para nós com altivez e desdem, e parecia que nos suspeitavam de algum máu designio, porque nos miravam dos pés á cabeça, fallavam ao ouvido uns dos outros e faziam gestos de moffa; porem isto não era nada em comparação do que nos esperava: quando entrámos na carruagem que devia levar-nos a Londres, toda a rapaziada da cidade se juntou em volta do coche, e se puzeram a gritar e a metter medo aos cavallos: chamavam-nos *french dog e monciex*. Partimos tarde de Douvres, e assim mesmo chegámos antes da noite a Rochester; reconhecidos ás portas da cidade por francezes fomos tratados da mesma maneira que em Douvres, e é entre apupadas que chegámos á estalagem; tendo-me apeado, e pouco depois sentado á meza para comer, qual não foi o meu assombro ao vêr que o estalajadeiro veio assentar-se ao meu lado e perguntar-me o que eu vinha fazer a Inglaterra! Este homem poz-se depois a fumar ao pé de mim, lançando-me á cara grandes baforadas do seu tabaco, e fazia ainda outras incivildades peiores; seria escusado queixar-me disto porque é costume do paiz. — Chegado a Londres pedi me conduzissem a casa d'uma pessoa de respeito para a qual levava cartas de recommendação; este sujeito, acompanhado de alguns amigos, offereceu-se a conduzir-me a uma casa onde eu tinha um aposento preparado, o que acceitei: partimos todos, e no caminho recebi novas — honras — semelhantes áquellas que tinha recebido em Douvres e Rochester, e não fui eu só o obsequiado, os meus companheiros tambem participaram: eram fidalgos, e depois da revolução todas as pessoas desta classe são tratadas deste modo. O povo das ruas corria atraz de nós e gritava — *ouxé = frenchman, french dog = kingsman* — [realistas] — de envolta com estas palavras atiravam-nos com ossos, couves e tallos de couve, não muito cheirosos, e lama; com esta bella companhia chegámos á casa onde eu devia ficar. — Notavel gente é esta! Passam-se aqui cousas que em Paris seriam objectos de escandalo, e aqui são cousas de uso e costume! A canalha é o rei deste povo; ella insulta as pessoas nobres e ricas, e ninguem a contem ou socega: eu tenho visto carreiros com os seus pezados carros não pararem, nem fazerem caminho ás carruagens; ao contrario procurarem encontra-las e despedaça-las, e depois rir-se do damno que fizeram e chamar-lhe — *hell cart* — [carros do inferno]. A classe media que devia punir e impedir estas desordens, consente-as e gosta dellas. — Em fim tudo aqui está fóra do seu logar, e tudo isto é o resultado do que aqui se chama *liberdade e igualdade*. — Londres é um immenso montão de casas, quasi todas construidas de madeira e sem arte alguma; vista de fóra

embão pela sua grandeza, mas dentro é miseravel, sem simetria nem ordem. — A igreja de S. Paulo é a mais bella de todas; porem causa lastima o vêr como está hoje profanada e envilecida: o portico serve de mercado, e o interior de armazem de fazendas. — Esta nação é a primeira na christandade que converteu as suas igrejas em mercados publicos, em tabernas e cavalharices, e para cumulo de horror chama a isto reforma e religião primitiva: as ruas da cidade não são alinhadas, cada um edifica como quer e onde quer, de sorte que a vista dos edificios é feia, alem disso são estreitas e pizadas a cada passo por homens a cavallo a toda a brida e por carruagens, cujos conductores são homens insolentes. — Quando se vê um inglez a cavallo parece que foge de alguém que o persegue, e quando se vêem de carruagem parece que vão buscar alguma parteira. — As bebidas espirituosas são o divertimento mais seguido e saboreado de todos; por toda a parte não se vêem senão tabernas, e todas as classes ahí vão; os fidalgos mesmo ahí entram, e ahí passam a maior parte do seu tempo a beber cerveja e fumar; alem disso bebem vinhos de Hespanha e de Portugal muito carregados de agua-ardente que lhes queima os intestinos, e sendo muito caros arruinam as bolsas. — Este povo foi em todos os tempos desordenado; porem hoje é alem disso impio: já eu disse como tratava as igrejas: roubou-as para as reduzir [diz elle] ao estado primitivo, e vendeu as alfaias que as ornavam, de sorte que os vasos sagrados, &c. tudo foi espalhado e disperso para differentes partes; os vasos foram parar ás tabernas onde servem a dar de beber aos habituados a ellas, e até os orgãos que outr'ora serviam para acompanhar vozes puras nos louvores do Senhor servem hoje de divertir os ouvidos dos bebedores, e oh dôr! não são só os fidalgos e outras pessoas os freguezes habituaes das tabernas; eu vi muitas senhoras de qualidade e fidalgas de distincção entrar nellas e ahí se demorarem bebendo grandes copos de vinho e de cerveja, ouvindo ao mesmo tempo cantigas deshonestas e dançando ao som de rebecas! E estas grandes damas chamam a isto divertimento decente! O sexo é em geral bello, reune-se em brilhantes bailes; mas cousa notavel! Os homens de qualidade não dançam, quem acompanha as senhoras na sua dança são os mestres da dança; appresenta-se um destes a uma fidalga, offerece-lhe o braço, acompanha-a ao meio da salla, e ahí dançam ambos um insipido minuete, findo o qual se retiram ambos, e outras as seguem do mesmo modo. — Quasi ás portas de Londres ha um grande e bello passeio chamado = hyde park =: ha alem deste o de S. James, dependencia do antigo palacio deste nome; soberbas ruas de arvoredo o cortam em todos os sentidos, e é este hoje o *rendez-vous* das senhoras da moda; ellas ahí vem correr como atlantas, sem se cansarem ao que parece, porque ahí se demoram até depois da meia noite: comem bolos, fructas, gallinhas assadas e fiambres, bebem vinhos do Rheno, &c. — tudo isto custa caro, porem é a moda! Em summa, meu amigo, eu estou hoje rijo censor, mas verdadeiro, e direi com o poeta — *difficile est satyram non scribere.* —

Tal é a carta do francez viajante, traduzida por M. Evelyn e por elle dada á luz. Se M. Evelyn visse ha 50 annos, e viajasse em França no periodo febril da revolução franceza, talvez escrevesse cousas peiores sobre a França, porque os escandalos foram ainda maiores, e sobre tudo mais sanguinolentos. — Os republicanos francezes parece queriam exterminar os homens vivos da sua epocha e desacreditar as suas proprias doutrinas! Seja o que fôr, ambas as

republicas viveram a mesma vida e morreram da mesma morte — o sabre do soldado — morte certa de todas as republicas antigas e modernas segundo o testemunho irrefragavel da historia.

X. de A.

Breve noticia sobre o officio de thesoureiro-mór da casa de Ceuta. Relação dos individuos que o serviram, conta da despesa que fez a corôa por esta repartição em quanto ella esteve a cargo da familia dos Feos.

A THESOURARIA da casa de Ceuta era a repartição por onde se abasteciam de munições de todos os generos as praças da Berberia, e pela mesma se pagavam as tenças e soldos aos empregados nellas. A existencia deste officio, posto que com differente denominação, é quasi coeva com a tomada de Ceuta, e durou tanto quanto nosso dominio naquellas partes, principiando com a conquista da referida cidade e acabando com a perda de Mazagão.

O thesoureiro-mór officiaava aos governadores e capitães generaes das mencionadas praças pela formula seguinte: — Fulano, &c. thesoureiro-mór da casa de Ceuta, faço saber ao senhor fulano, governador e capitão general de ... —

Por carta passada em Santarem a 13 de Fevereiro de 1487, que está a folhas 42 do livro 21 da chancellaria d'elrei D. João 2.^o, foi-lhe dada faculdade para nomear quatro homens para arrecadação da fazenda real, e depois lhe foi concedido um caixeiro e pagador com 40 \$ 000 réis de ordenado em resolução de consulta de 4 de Maio de 1695.

Alem das sommas, que esta repartição recebia do erario para os seus pagamentos, tinha uma consignação annual de 9:895 \$ 960 réis para satisfação das suas dividas, por alvará de 3 d'Outubro de 1750, registado a fol. 100 do livro 82 da chancellaria d'elrei D. José.

Vencia o thesoureiro-mór annualmente o ordenado de 600 \$ 000 réis e varias propinas que por curiosas mencionaremos, e eram = pelos nascimentos e casamentos dos principes 30 \$ 000 réis, e 5 \$ 000 réis em cada noite de luminarias = pelos lutos reaes 100 covados de bacta = pelas festas — de N.^a Snr.^a da Conceição, 2 arrateis de vellas bogias e 1 rôlo de arratel e meio, tudo de cêra — de S. Thomé, 5 arrateis de cada especiaria; a saber: cravo da india, canella, pimenta e gengivre — e do Natal, 2 tesouras, 4 folhinhas encadernadas em marroquim, 4 em papel branco dourado, 12 de parede, 16 prognosticos, e 3 varas de fita, de 400 réis a vara, atando tudo — e por cada um dos anniversarios das victorias do Ameixial e Montes-claros 6 \$ 000 réis; não sendo fóra de proposito notarmos aqui, que sendo os militares aquelles que ganhavam as batalhas, eram os empregados civis e os desembargadores quem recebiam as propinas, cabendo por esta maneira aos primeiros a honra, e aos segundos o proveito; singular costume!!! Tinha tambem o mesmo thesoureiro-mór uma resma de papel por mez.

Bartholomeu Annes, escudeiro do infante D. Henrique e almoxarife em Ceuta — Thesoureiro dos dinheiros e das cousas de Ceuta. Carta dada em Obidos a 7 de Setembro de 1434, e confirmada em Sacavem a 18 de Março de 1440. L.^o 20 da chanc. de elrei D. Affonso 5.^o ff. 36.

Gongalo Pacheco, escudeiro do infante D. Henrique — Thesoureiro da casa de Ceuta. Carta dada em Lisboa a 12 de Fevereiro de 1439, e confirmada em Santarem a 3 de Março de 1449. L.^o 18 da

chanc. de elrei D. Affonso 5.^o ff. 76, e de Extras ff. 72 verso.

Lopo Mendes — Thesoureiro da casa de Ceuta. Da carta do seu successor consta que tivera este officio, que largára por certa compensação: esta crêmos nós que fôra a alcaidaria-mór de Cezimbra, de que se lhe passou carta em 20 d'Abril de 1485, a qual se acha no L.^o 2.^o do supplemento á chanc. antiga da ordem de S. Thiago ff. 47 (*).

Pero de Paiva, cavalleiro da casa — Thesoureiro-mór das cousas de Ceuta em Lisboa. Carta dada em Santarem a 4 de Março de 1486. L.^o 1.^o da chanc. de elrei D. João 2.^o ff. 96.

Thesoueiros-móres da casa de Ceuta.

Daqui em diante foi constante esta denominação, assim como o foi passarem-se as cartas em Lisboa.

Gonçalo de Sequeira, fidalgo da casa — Carta dada em 1501 [não menciona o dia e mez]. L.^o 1.^o da chanc. de elrei D. Manuel ff. 11.

João Rodrigues de Sequeira, fidalgo da casa, filho do acima dito — Carta dada a 27 de Julho de 1515. L.^o 24 da chanc. de elrei D. Manuel ff. 153 verso, e L.^o 5.^o dos Misticos ff. 182.

Matheus Mendes de Carvalho, fidalgo da casa — Consta que tivera este officio pela carta do seu successor, na qual se diz que o servia pelo mesmo.

João da Costa, escudeiro-fidalgo da casa — Carta dada a 11 de Outubro de 1572. L.^o 30 da chanc. de elrei D. Sebastião ff. 105 verso.

Fernando Nunes da Costa — Carta dada a 2 de Junho de 1574. L.^o 32 da chanc. de elrei D. Sebastião ff. 303 verso.

Gonçalo Serrão da Costa, filho do antecedente — Carta dada a 23 de Novembro de 1599. L.^o 6.^o da chanc. de elrei D. Philippe 2.^o ff. 120.

Manuel d'Andrade, cavalleiro-fidalgo da casa, que foi ferido e captivo na batalha d'Alcacer — Carta para servir nas vagantes, dada a 26 de Dezembro de 1599. L. 8.^o da chanc. de elrei D. Philippe 2.^o ff. 348.

Gaspar Freire d'Andrade, filho do acima d.^o — Alvará de lembrança para servir nas vagantes, dado a 26 de Junho de 1609; e carta da propriedade, passada a 3 de Março de 1613. L.^o 29 da chanc. de elrei D. Philippe 2.^o ff. 194 verso.

Estevão de Almeida Doria — Consta que servira este officio por uma provisão datada a 31 de Outubro de 1629 para se pagar certa quantia a Jorge de Mendonça Pessanha, adail na cidade de Tangere. Corpo Chronolog. Part. 3.^a, maço 32, documento 161, n.^o successivo 2674.

(:) João Feo Cabral, cavalleiro da ordem de Christo — Carta dada a 11 de Julho de 1640. L.^o 28 da chanc. de elrei D. Philippe 3.^o ff. 373, e carta de confirmação de elrei D. João 4.^o de 17 de Julho de 1641. L. 11 da chanc. do mesmo senhor ff. 346.

Luiz da Motta Feo, fidalgo da casa e filho do antecedente — Carta dada a 24 de Março de 1691. L.^o 49 da chanc. ff. 250, e L. 6.^o do registo das mercês ff. 346 de elrei D. Pedro 2.^o

Antonio Feo Cabral, fidalgo da casa e filho do antecedente — Carta dada a 30 d'Outubro de 1701, L.^o 26 da chanc. d'elrei D. Pedro 2.^o ff. 546, e L.^o 14 do registo das mercês do mesmo senhor ff. 201.

(*) Destes dois preciosos livros apenas existem os indices na Torre do Tombo, elles foram mandados recolher a Palmella, donde vieram para o thesouro, e lá arderam!

(:) Luiz da Motta Feo, seu sogro, tambem serviu este officio, de Julho de 1644 até 9 de Outubro de 1647, como consta da quitação dada em 24 de Abril de 1648, que está a ff. 182 do L.^o 15 da chanc. de elrei D. João 4.^o

Luiz da Motta Feo e Torres, fidalgo da casa e filho do antecedente — Alvará dado a 8 de Julho de 1743 a sua mãe D. Brigida Joanna Dionisia da Silva e Torres, para poder nomear-lhe serventuario durante a menoridade. L.^o 106 da chanc. de elrei D. João 5.^o ff. 132 e L. 31 do registo das mercês do mesmo senhor ff. 532. Carta de propriedade dada a 27 de Julho de 1753. L.^o 45 da chanc. de elrei D. José ff. 228 verso, e L.^o 8.^o do registo das mercês do dito senhor ff. 238.

(Concluir-se-ha).

INSTRUÇÃO POPULAR.

EM um artigo sobre a educação popular [vid. Panorama a pag. 107 do 4.^o vol. — artigo sobre Pestalozzi] nós recommendámos a necessidade dessa instrução para o aperfeiçoamento das nossas instituições politicas: mostrámos as utilidades do systema de educação daquelle grande homem; e como complemento daquelle materia trataremos hoje a questão importante — se será ou não perigoso o ensino e a instrução nas classes inferiores da sociedade? — Ha quem receie esta instrução nos operarios, nos trabalhadores, no povo em fim; nós somos de opinião contraria, e estamos profundamente convencidos de que o perigo não está no povo instruido, mas sim no povo ignorante; e quem o duvida olhando para a nossa historia desde 1820? Mas deixemos essa questão, que póde ser irritante, e voltemos á nossa these: — é ou não util instruir o povo? — Nós repetimos = sim = porque o aperfeiçoamento da razão humana conduz ao refreamento das paixões, e estas são mais temiveis em espiritos incultos do que naquelles em que a educação penetrou: a ignorancia é a companheira da anarchia e da demagogia; quando por outra parte se tem observado que os habitos de reflexão, que são inseparaveis do gosto da leitura, ajudam e favorecem o espirito de ordem e bom procedimento nos que a ella se dedicam. — É entre os automatos, que vegetão como animaes nas ultimas classes da sociedade, que se acham os agitadores, e aos desordeiros e ás massas ignorantes se dirigem os Catilinas e os Marats do tempo: chamam-lhes virtuosos e soberanos quando precisam delles para pôr em pratica planos tenebrosos. Uma insurreição feita por pessoas serias e instruidas seria impraticavel. Regra geral, a instrução é a mãe da prudencia; o selvagem é imprudente e imprevidente porque é ignorante; a previdencia e a reflexão seguem necessariamente nas nações, assim como nos individuos, o progresso da civilisação e da instrução; o trabalhador e o operario que estudarem os elementos das sciencias moraes e naturaes hão de reflectir sobre a sua situação e da sua familia; concentrando as suas idéas, necessariamente hão de pensar que o bom procedimento e a sobriedade são as garantias mais solidas da sua felicidade, e que o seu primeiro dever como maridos e pais é o de segurar em quanto moços e robustos aquelles gozos e recursos que lhes hão de ser precisos quando forem velhos e enfermos. — Quando tiverem alcançado o gosto e o habito da leitura fugirão da preguiça e dos vicios. Um operario que por sua reflexão não gastar doze vintens em bebidas espirituosas, não hade ser certamente sedicioso. A educação aperfeiçoa a sociedade, não só porque dá habitos e costumes de regularidade, mas tambem porque substitue esses máus costumes pelos bons; um operario estudioso e applicado achará a sua delicia no estudo mesmo, elle será feliz e contente, não só por ter aprendido o que os

outros sabem, mas também por saber o que os outros ignoram; quando elle estiver possuído do amor da sciencia, hade fugir então ás distrações mesmo innocentes para se entregar totalmente ao estudo; neste estado podem bem os Cleons e os Hyperbolus dos nossos dias [sobre as revoluções de Athenas e de Roma vide o nosso art.º inserto no Director de 10 de Dezembro de 1839] bater-lhe á porta; prudente por calculo e por gosto não se precipitará em desordens e sedições das ruas que possam comprometter a sua vida e os seus gozos. — Impossivel nos parece que aconteça o contrario, e pensâmos mais, que cegos partidistas do que existe passarão antes ao excesso de nada reformarem, mesmo o inutil, só por medo de arriscarem a paz e socego publico; em summa acreditâmos que os thesouros intellectuaes, pelo estudo adquiridos, produzirão nos operarios o mesmo effeito que a riqueza produz nos poderosos, isto é, o de dar-lhes um interesse directo na ordem publica. — Um povo instruido hade conhecer mais depressa do que o ignorante, que o seu interesse consiste na paz e ordem publica; a instrucção lhe hade fazer conhecer mais, que a inviolabilidade das propriedades é um seguro esteio da sociedade, e que atacar á força bruta as classes ricas é uma monstruosa injustiça. — Em summa, na marcha actual das sociedades europeas o que nos parece util, o que nos parece necessario e indispensavel é o proporcionar ao povo uma instrucção solida fundada na sciencia e na religião; o meio para alcançar este fim será objecto d'outro artigo.

X. de A.

Ha tanta elegancia e propriedade de dicção em muitas passagens dos sermões do P.º Vieira, que julgâmos serão bem acceitas dos leitores, não só porque, estando dispersas por muitos volumes e sepultadas entre outras na verdade fastidiosas, nem todos terão tempo e paciencia de as lá ir mendigar, como também porque já é hoje bastante raro o poder alcançar-se uma collecção inteira das obras daquelle orador.

O trecho seguinte pertence a um sermão do Divino Espirito St.º, prégado na cidade de S. Luiz da Maranhão, quando partiram uns missionarios a catequizar os indios do Amazonas.

— «Os que andastes pelo mundo, e entrastes em casas de praser de principes, verieis naquelles quadros e naquellas ruas dos jardins dois generos d'estatuas muito differentes, umas de marmore, outras de murta. A estatua de marmore custa muito a fazer pela dureza e resistencia da materia; mas, depois de feita uma vez, não é necessario que lhe ponham mais a mão, sempre conserva e sustenta a mesma figura: a estatua de murta é mais facil de formar pela facilidade com que se dobram os ramos; mas é necessario andar sempre reformando e trabalhando nella, para que se conserve. Se deixa o jardineiro de lhe assistir, em quatro dias sáe um ramo que lhe atravessa os olhos, sáe outro que lhe descompõe as orelhas, saem dois, que de cinco dedos lhe fazem sete; e o que pouco antes era homem já é uma confusão verde de murtas. Eis-aqui a differença que ha entre umas nações e outras na doutrina da fé. Ha umas nações naturalmente duras, tenazes e constantes, as quaes difficultosamente recebem a fé e deixam os erros de seus antepassados: resistem com as armas, duvidam com o entendimento, repugnam com a vontade, cerram-se, teimam, argumentam, replicam, dão grande trabalho até se renderem; mas uma vez rendidos, uma vez que receberam a fé, ficam nella firmes e constantes, como estatuas de marmore, não é necessario trabalhar mais com elles. Ha outras nações pelo contrario que recebem tudo o que lhes en-

sinam, com grande docilidade e facilidade, sem argumentar, sem replicar, sem duvidar, sem resistir, mas são estatuas de murta, que em levantando a mão e a thesoura o jardineiro, logo perdem a nova figura e tornam á bruteza antiga e natural e a ser mato como dantes eram. É necessario que assista sempre a estas estatuas o mestre dellas, uma vez, que lhe corte o que vecejam os olhos, para que creiam o que não veem, outra vez, que lhe cercee o que vecejam as orelhas, para que não deem ouvidos ás fabulas de seus antepassados; outra vez, que lhe decepe o que vecejam as mãos e os pés, para que se abstenham das acções e costumes barbaros da gentildade. E só desta maneira, trabalhando sempre contra a natureza do tronco e humor das raizes, se pode conservar nestas plantas rudes a forma não natural e compostura dos ramos.»

Anecdota. — Compoz certo escriptor do Lacio antigo uma obra em lingua grega, e no prologo pediu perdão dos seus erros, allegando o não ser o seu idioma patrio. Lendo isto Catão, disse: — Para que quiz este antes pedir perdão do que evitar a culpa? — Quem o constrangeu a fazer cousa que havia de necessitar de que lhe perdoassemos? —

É que o appetite de escrever era maior que a sciencia; e assim mais facil lhe pareceu imperar nos juizos alheios do que na vontade propria. Maiores avanços de gloria se promettia por compor em grego do que detrimtos por compor em máu grego... Os livros, como disse Platão, são mais amados do que os filhos: logo se os pais encobrem a fealdade daquelles, que muito que os auctores encubram a destes? — É certo que o appetite do louvor, declarando-se, o desmerece: e com tudo é tão céga esta paixão que muitas vezes se declara, militando contra o seu mesmo intento; como succedeu a Themistocles que, perguntado de que som de musica gostava mais, respondeu; — daquella em que se cantarem os meus louvores.—*P.º Manuel Bernardes* (*).

TODAS as outras leis, que successivamente tem reinado sobre a terra, condemnaram os crimes, mas a sua acção não passava mais alem. E que auctoridade tinham ellas para prohibir? — A lei de Jesus Christo tem outra amplidão: ella prohibe não só o peccado, mas quanto possa conduzir ao peccado. É lei collocada á entrada do coração, como inflexivel guarda, que repelle até a idéa de peccar. Quem foi pois o assombroso legislador, que ousou dar leis ao pensamento? — Que outro, que não fosse Deus, podia dictar este admiravel preceito: — «Não desejarás!» — *Luzerne.*

SOAM, porque montam e valem, em quanto vivos, os grandes; mas a memoria, que delles fica em acabando, o propheta a comparou ao rasto ou signal, que o som no ar deixa depois que passa. — *Lucena. V. de S. Franc. Xav.*

NINGUEM se vinga com tanto primor como aquelle que, havendo perdoado, se converte em bemfeitor.

(*) Este escriptor, quasi geralmente desconhecido, porque os seus livros tratam de assumptos mysticos, é tão classico e digno de apreço quanto á linguagem que o P.º Vieira, quando alguém lhe disse que com elle acabava o verdadeiro fallar portuguez, respondeu: — Não: cá fica ainda o P.º Bernardes.